

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**MOTIVAÇÃO E PERCEÇÃO DE DESPORTIVISMO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Caio César Almeida de Lima Lira**

**JOÃO PESSOA**

**2011**

**Caio César Almeida de Lima Lira**

**MOTIVAÇÃO E PERCEPÇÃO DE DESPORTIVISMO NO CONTEXTO ESCOLAR**

**Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba UFPB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.**

**Orientador: Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos**

**JOÃO PESSOA**

**2011**

*L768m Lira, Caio César Almeida de Lima.*

**Motivação e percepção de desportivismo no contexto escolar / Caio César Almeida de Lima Lira. - - João Pessoa: [s.n.], 2011.**

*52 f.: il. -*

*Orientador: Rogério Márcio Luckwü dos Santos.*

*Monografia (Graduação) – UFPB/CCS.*

**Caio César Almeida de Lima Lira**

## MOTIVAÇÃO E PERCEPÇÃO DE DESPORTIVISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba UFPB, como exigência parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Data de defesa : \_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora

Nome do orientador                    **Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos**  
UFPB/CCS/DEF

Nome Membro da banca            Prof. \_\_\_\_\_  
UFPB/CCS/DEF

Nome Membro da banca            Prof. \_\_\_\_\_  
UFPB/CCS/DEF

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha família:  
meus pais, irmãs, esposa e filha;  
bases sólidas que sustentam minha  
vida!*

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, pois sem Ele, nada seria possível.

À minha família, que sempre me apoiou e me deu força para concluir este curso.

À minha esposa Isabela Cavalcante Cabral Lira e minha filha Mariana Cavalcante Cabral Lira, por todo amor e carinho.

Ao meu orientador o Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos que jamais desistiu e foi muito compreensivo.

Aos companheiros de curso Hugo e Sheila, pelos momentos maravilhosos e pela amizade solidificada ao longo do curso, que certamente se eternizará.

*“Entrega o teu caminho ao SENHOR;  
confia nele, e ele o fará. E ele fará  
sobressair a tua justiça como a luz, e o  
teu juízo como o meio-dia.”*

(SALMOS 37: 5-6)

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi correlacionar motivação e percepção de desportivismo em jovens praticantes de diferentes modalidades desportivas nas escolas da cidade de João Pessoa – PB. Esta pesquisa caracteriza-se como quantitativa, descritiva e correlacional. Foi realizada através da aplicação de duas escalas a 75 jovens de ambos os gêneros, de 13 a 17 anos de idade, em escolas da cidade de João Pessoa – PB. As escalas utilizadas foram: SMS (Sports Motivation Scale), desenvolvido por Pelletier et al. (1995) traduzida e adaptada ao contexto brasileiro por Serpa, Alves e Barreiros (2004); e MSOS (*Multidimensional Sportpersonship Orientations Scale*) criada por Vallerand, Brière, Blanchard e Provencher (1997). Para análise estatística foi utilizado o programa estatístico PASW Statistics (antigo SPSS) versão 18.0. Os resultados mostraram que houve um nível moderado alto para cada tipo de motivação intrínseca, motivação extrínseca e para cada variável do desportivismo; enquanto que a amotivação apresentou uma média moderada baixa. Através da análise correlacional foi possível verificar 34 casos de correlação significativa, onde houve destaque para as seguintes correlações: Motivação Intrínseca de Estimulação e Motivação Extrínseca de Regulação Identificada; Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada e a Motivação Extrínseca de Regulação Identificada. Desta forma, pode-se apontar que a motivação e a percepção de desportivismo presentes nos participantes deste estudo apresentaram um resultado positivo e uma correlação bastante significativa.

## **ABSTRACT**

The objective of this study was to correlate motivation and perception of sportsmanship in youth sports practitioners from different schools in the city of João Pessoa - PB. This research is characterized as quantitative, descriptive and correlational. It was performed by applying two scales to 75 young people of both genders from 13 to 17 years of age in schools of João Pessoa - PB. The scales used were: SMS (Sports Motivation Scale), developed by Pelletier et al. (1995) translated and adapted to the Brazilian context by Serpa, Alves and Barreiros (2004), and MSOS (Multidimensional Sportspersonship Orientations Scale) created by Vallerand, Brière, Blanchard and Provencher (1997). For statistical analysis we used the statistical program PASW Statistics (formerly SPSS) version 18.0. The results showed a moderate level high for each type of intrinsic motivation, extrinsic motivation and sportsmanship for each variable, while the amotivation averaged a moderate low. Through correlational analysis 34 cases were verified of significant correlation, where there was emphasis on the following correlations: Intrinsic Motivation of Stimulation and Extrinsic Motivation of Identified Regulatory, Extrinsic Motivation of Introjected Regulatory and Extrinsic Motivation of Identified Regulatory. Thus, we can point out that the motivation and perception of sportsmanship present in participants on this study had a positive result and a very significant correlation.

Keywords: Sportsmanship, Motivation and Amotivation

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Continuum de Autodeterminação nos diferentes tipos de motivação	18
Figura 2 - Modelo Hierárquico da Motivação Intrínseca e Extrínseca	19

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estatística descritivas das escalas	31
Tabela 2 - Análise de fiabilidade das escalas	32
Tabela 3 - Análise Correlacional das variáveis	34

## SUMÁRIO

	<b>Página</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	15
2.1 MOTIVAÇÃO.....	15
2.1.1 Teorias da Motivação.....	15
2.1.1.1 Teoria da autodeterminação.....	15
2.2 MOTIVAÇÃO E ESPORTE.....	19
2.3 AGRESSIVIDADE NO ESPORTE.....	20
2.4 FAIR PLAY.....	23
2.5 MOTIVAÇÃO E DESPORTIVISMO.....	25
<b>3. MATERIAL E MÉTODO</b> .....	28
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	28
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	28
3.3 DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS.....	28
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	29
3.4.1 Aplicação dos Questionários.....	29
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	30
<b>4. RESULTADOS</b> .....	31
4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA.....	31
4.2 FIABILIDADE DAS ESCALAS.....	31
4.3 ANÁLISE CORRELACIONAL.....	32
<b>5. DISCUSSÕES</b> .....	35
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	38
<b>ANEXOS</b> .....	42
<b>APÊNDICES</b> .....	48

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar vem, ao longo dos anos, passando por significativos desafios metodológicos, como a inserção de conteúdos que trabalhem além do ensino do esporte. Apesar da importância da busca por uma maior variedade de assuntos a serem trabalhados pelos professores, grande parte insiste em aplicar apenas algumas modalidades do desporto.

A hegemonia do esporte na escola tornou-se um dos assuntos mais polêmicos entre alguns autores e segundo Betti:

Atualmente, o esporte é o veículo mais utilizado como forma de difusão do movimento corporal na escola de 1º e 2º graus. Mais do que isto, somente algumas modalidades esportivas tais como o futebol, basquetebol e voleibol fazem parte do conteúdo das aulas de Educação Física. Outras modalidades como o atletismo e a ginástica artística raramente são difundidas entre os escolares desta faixa etária. (Betti, 1999, p.25)

E para Lucena:

A EF ao fazer do esporte de rendimento seu objeto de ensino e mesmo abrindo o espaço escolar para o desenvolvimento desta forma de realizar o esporte, acabava por fomentar um tipo de educação que colaborava para que os indivíduos introjetassem valores, normas de comportamento conforme e não questionadores do sistema social. (Lucena, 1999, p.15)

Pode-se observar que as críticas realizadas a esta hegemonia do esporte nas aulas de Educação Física reivindicam por uma educação melhor e mais diversificada: onde os professores possam ensinar também novas práticas, visando um aprendizado mais satisfatório dos conteúdos.

Apesar de muitos educadores deterem-se em ensinar apenas os fundamentos técnicos e táticos dos esportes, é possível utilizá-los como formas de ministrar valores educacionais. Ou seja, é possível ir muito além deste aprendizado tecnicista, afinal os objetivos das aulas de Educação Física escolar são bem mais complexos do que se pode imaginar.

É preciso que os profissionais percebam os alunos na sua totalidade, o que significa que aqueles devem procurar trabalhar não apenas aplicando atividades

com ênfase no domínio motor, mas também levando em consideração os domínios cognitivo/intelectual e afetivo/social.

Desta forma, os professores estarão priorizando outros valores como a criatividade, sociabilidade, cooperação, participação, companheirismo, solidariedade dos alunos que precisam ser os sujeitos do processo educativo e não apenas reprodutores de gestos esportivos. (Cratty apud Machado e Presoto apud Capitano, 2003)

Mas e a competição? Como saber lidar com este desafio no contexto escolar?  
Segundo Scaglia:

É preciso entender e ressaltar que a competição deve ser vista como conteúdo a ser aprendido por todos os alunos, sendo assim não só todos devem jogar um tempo significativo nas partidas, como também ter acesso ao conteúdo da competição, sua organização, preparação, discussão e avaliação. (Scaglia, 2003; apud Soares, p.2)

Não se trata apenas de participar da competição no momento em que está sendo realizada, o professor irá mobilizar os alunos para que eles possam entender desde o seu planejamento organizacional, passando pela preparação de todos os componentes necessários para a sua realização, o momento exato em que a mesma está acontecendo e depois refletir sobre o que aconteceu neste processo competitivo. Assim, o educador irá proporcionar uma vivência global da competição aos alunos, o que torna o problema de perder ou ganhar um mero resultado.

Ao utilizar esta metodologia o professor estará trabalhando a cooperação com os seus alunos através da competição. Pois todos se reúnem em prol de um mesmo fim que neste caso seria a realização da competição.

Ressalta-se ainda a importância da cooperação como um meio para proporcionar o respeito entre os indivíduos a partir do desenvolvimento da autonomia e da moralidade. (Piaget apud Mesquita, 1999). Assim, uma aula na qual os jovens possam vivenciar a cooperação, com jogos divertidos ou até mesmo de competição, com certeza será de grande valia para a sua educação, além de fortalecer os laços de convivência da turma.

Afinal, na competição vista da forma correta sem supervalorizar a vitória, a criança termina aprendendo que ganhar apenas faz parte do processo de aprendizagem. Esta situação proporciona tanto uma motivação social (da turma) quanto individual. Desta forma, todos saem ganhando, pois a motivação é algo

inerente ao ser humano e sem ela parece que não há como atingir os objetivos da vida. Com base na Teoria da Autodeterminação (TAD), este sentimento interno, que é a motivação intrínseca, é aquele que proporciona prazer, divertimento e satisfação advinda da própria atividade. (Ntoumanis apud Fernandes; Vasconcelos-Raposo, 2005). Enquanto que a extrínseca é aquela em que há uma busca pela concretização de determinados objetivos, como por exemplo, uma pessoa fazer uma modalidade esportiva apenas para melhorar a saúde e não exatamente pelo prazer de praticá-la. (Deci; Ryan apud Fernandes; Vasconcelos-Raposo, 2005).

Enfim, há a hegemonia do esporte nas escolas, cabe ao professor utilizá-las de forma didática, aplicando os diversos conteúdos que podem ser utilizados dentro do contexto esportivo como a competição e a cooperação; sempre tentando proporcionar aulas prazerosas para que os alunos possam sentir-se motivados a praticar determinada modalidade.

De acordo com a Vallerand e Losier (1994) a motivação autodeterminada exerce uma influência bem maior na orientação ao desportivismo do que o próprio desportivismo consegue preponderar na motivação autodeterminada. Isto é, quanto maior a motivação autodeterminada, mais o indivíduo se relacionará com orientação ao desportivismo. Então, este indivíduo, provavelmente, irá apresentar uma conduta esportiva favorável: respeito pelas regras, pelo oponente, pelo árbitro etc.

Além disso, a agressividade reativa (intenção de causar dano ao adversário) presente no esporte, segundo um estudo realizado por Chantal et al. (2005, apud Luckwu e Guzmán, 2011) tende a diminuir em pessoas com um perfil orientado ao desportivismo, enquanto que a agressividade instrumental (intenção de impedir um desempenho favorável do adversário) tende a aumentar.

E assim, através deste estudo propõe-se identificar a motivação para a prática de esporte e o conhecimento que os escolares participantes do estudo possuem sobre o desportivismo, desta forma, possa talvez favorecer a difusão do esporte como uma atividade física capaz de contribuir para a melhoria da educação em diversos aspectos. Ou seja, o esporte com suas características e particularidades apareceria como um meio para que os estudantes possam adquirir um caráter desportivo (leal), além dos benefícios fisiológicos, psicológicos, intelectuais e sociais decorrentes desta prática. Então, ao verificar tais dados, busca-se colocar em evidência os seus benefícios com a finalidade de buscar melhores condições de vida para este tipo de população.

Desta forma, este estudo teve por questão norteadora a seguinte indagação: Qual a relação existente entre motivação e percepção de desportivismo em jovens praticantes de diferentes modalidades desportivas no contexto escolar?

Para responder ao problema da pesquisa determinamos como objetivo geral correlacionar motivação e percepção de desportivismo em jovens praticantes de diferentes modalidades desportivas nas escolas da cidade de João Pessoa – PB.

Traçamos ainda como objetivos específicos:

- Identificar o perfil motivacional de jovens praticantes de desporto escolar;
- Identificar a percepção de desportivismo da amostra;
- Verificar a correlação entre motivação e percepção de desportivismo da amostra.

Exposto o problema de pesquisa e ordenados os objetivos do estudo desenvolvemos três hipóteses passíveis de confirmação ou refutação:

- (0) A motivação não se relacionará com a orientação ao desportivismo;
- (1) A motivação intrínseca se relacionará positivamente com a orientação ao desportivismo;
- (2) A motivação extrínseca se relacionará positivamente com a orientação ao desportivismo.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 MOTIVAÇÃO

Em todas as situações da vida o ser humano precisa estar motivado para realizar determinadas ações. Segundo a enciclopédia e dicionário ilustrado KOOGAN & HOUAISS (1996) a motivação é definida como “interesse espontâneo por um assunto particular”, ou seja, é o que estimula ou desperta o desejo por algo.

Enquanto que Vernon (apud Martinelli e Bartholomeu, 2007) explica que a motivação seria um esforço interno que despontaria, ajustaria e suportaria qualquer ação advinda do homem. Desta forma, sentir-se motivado para fazer algo é o primeiro passo para atingir o objetivo almejado.

#### 2.1.1 Teorias da Motivação

##### 2.1.1.1 Teoria da autodeterminação (TAD)

De acordo com Reeve, Ryan e Deci (2004, apud Boruchovitch, 2008) a teoria da autodeterminação é composta por quatro miniteorias que são interligadas e complementares: Teoria da Avaliação Cognitiva, Teoria da Integração Organísmica, Teoria das Orientações Causais e Teoria das Necessidades Básicas.

Este modelo proposto objetiva que os desportistas busquem atingir algumas metas por meio da prática de esportes. Por sua vez, estas metas resultam de diversas necessidades psicológicas imprescindíveis ao comportamento dos indivíduos (Deci e Ryan, 1985<sup>a</sup>, 1991; apud Luckwu e Guzmán, 2011), que são as necessidades de autonomia, competência e relação social. (Deci, 1980; Deci e Ryan, 1991; apud Luckwu e Guzmán, 2011)

Estas três necessidades irão influenciar na motivação da seguinte forma: o crescimento da percepção da autonomia, competência e relação com os outros originará um estado de motivação intrínseca, ao passo que, a sua inutilização estará associada à diminuição desta motivação, a uma maior motivação extrínseca e amotivação (Deci; Ryan apud Murcia; Gimeno; Coll, 2006). A primeira motivação trata-se de uma motivação interna, como por exemplo: uma pessoa que procura a prática de uma determinada modalidade desportiva apenas pelo prazer ou pelo

divertimento que esta proporciona (não há interferência externa). Este prazer tem a sua origem unicamente da atividade (única recompensa) almejada, sem precisar de prêmios, recompensas ou reconhecimento social. (Biddle, Chatzisarantis, et al. apud Fernandes; Vasconcelos-Raposo, 2005).

A motivação intrínseca, de acordo com Deci e Ryan (apud Fernandes; Vasconcelos-Raposo, 2005) parte do princípio de que para que os indivíduos sejam motivados internamente, surge a necessidade de sentirem-se competentes e autodeterminados. E assim,

[...] este construto possui um papel importante no desenvolvimento, aprendizagem e socialização, em quase todos os domínios da vida, pelo que no âmbito da Educação Física associa-se a maiores intenções de prática desportiva extra-curricular.” (Fernandes et al. apud Fernandes; Vasconcelos-Raposo, 2005, p.386)

Vallerand, Blais, Brière e Pelletier (1989); Vallerand, Pelletier et al. (1992 e 1993) afirmam que há três formas de motivação intrínseca: a primeira é a motivação intrínseca direcionada para a *realização* (um atleta sente-se motivado pelo prazer de dominar habilidades difíceis, por exemplo), a segunda é voltada para o *conhecimento e aprendizagem* (o prazer que um atleta possui em aprender novos movimentos de um determinado esporte) e a terceira é direcionada para *vivência da estimulação* (através do esporte o atleta tem a possibilidade de vivenciar experiências estimulantes).

A motivação extrínseca trata-se de uma motivação externa, onde o indivíduo, por exemplo, busca certa atividade pelos benefícios físicos e não pelo prazer em si de realizá-la (a motivação origina-se fora, do ambiente). De acordo com Biddle, Chatzisarantis et al. (apud Fernandes; Vasconcelos-Raposo, 2005) há quatro estilos desta motivação:

- *Estilo motivacional extrínseco de regulação integrada* é o estilo mais autônomo da regulação externa de um comportamento e é considerado volitivo devido a sua característica peculiar de ser utilizado para atingir os objetivos pessoais de uma pessoa. Desta forma, o indivíduo (há a possibilidade de escolha) buscaria a prática de uma atividade física por admitir a importância dos benefícios para uma vida saudável;
- *Estilo motivacional extrínseco de regulação identificada* é aquela em que a pessoa é motivada pelos resultados e ganhos da sua participação em

determinada atividade. É menos autodeterminada que a de regulação integrada, apesar de ser regulada internamente. Um exemplo seria um atleta que pratica um esporte pela importância que implicará no seu desenvolvimento pessoal, ou seja, há a possibilidade de escolha mesmo que seja motivada extrinsecamente;

- *Estilo motivacional extrínseco de regulação-introjeção* onde a regulação não é tão explícita e torna-se mais emocional (afetiva) do que racional (cognitiva). Neste estilo a motivação externa vem de pressões internas, como a ansiedade e a culpa ou a vontade de obter reconhecimento social;
- *Estilo motivacional extrínseco de regulação externa* é o modo não autônomo e mais básico dentre os quatro, identificado nos primeiros anos de vida de uma pessoa. “O comportamento é controlado por recompensas e ameaças”, ou seja, a prática de esportes aparece como uma forma de adquirir recompensas e impedir conseqüências negativas.

E por último a amotivação (ausência de motivação), em que o indivíduo não é motivado intrinsecamente e nem extrinsecamente, levando em consideração a inexistência de intenção e pensamento proativo. (Deci & Ryan apud Fernandes; Vasconcelos-Raposo, 2005). Ou seja, uma situação em que a pessoa perceba que continuar com aquela prática não acarretará em resultados devido à ausência de possíveis fatos.

Através da representação do modelo de *Continuum de Autodeterminação* (Figura 1) criado por Vallerand (1999) é possível ter uma melhor percepção da TAD. Desde os níveis mais baixos aos mais altos dos tipos de motivação temos: amotivação, motivação extrínseca de regulação externa, motivação extrínseca introjetada, motivação extrínseca identificada e motivação intrínseca (conhecimento, realização e estimulação).

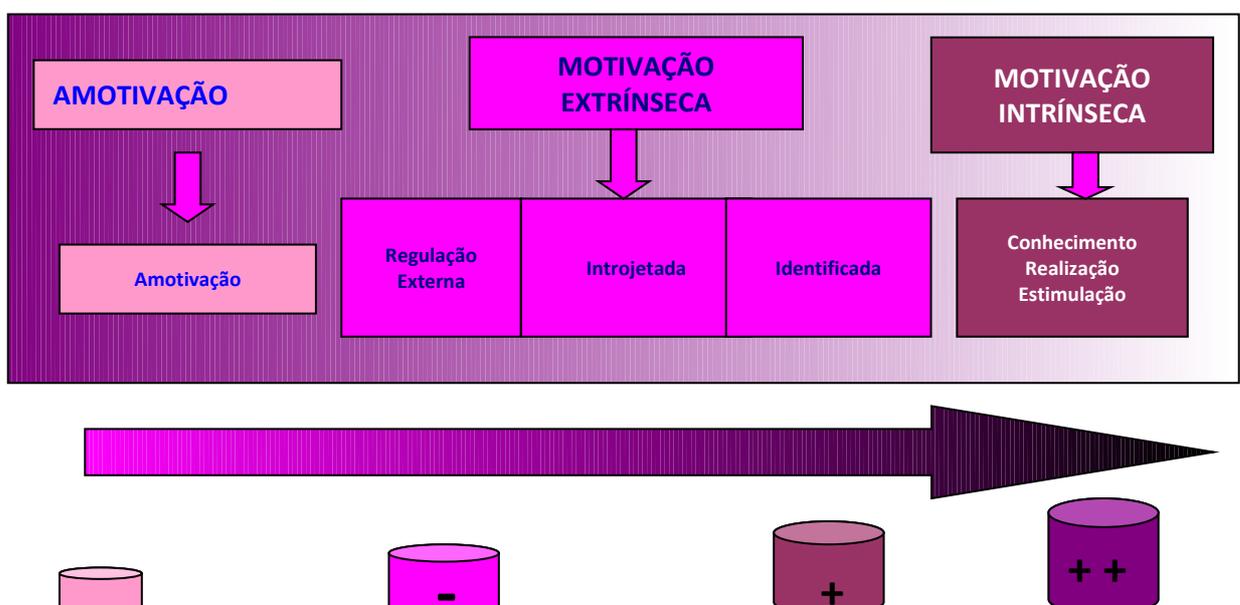
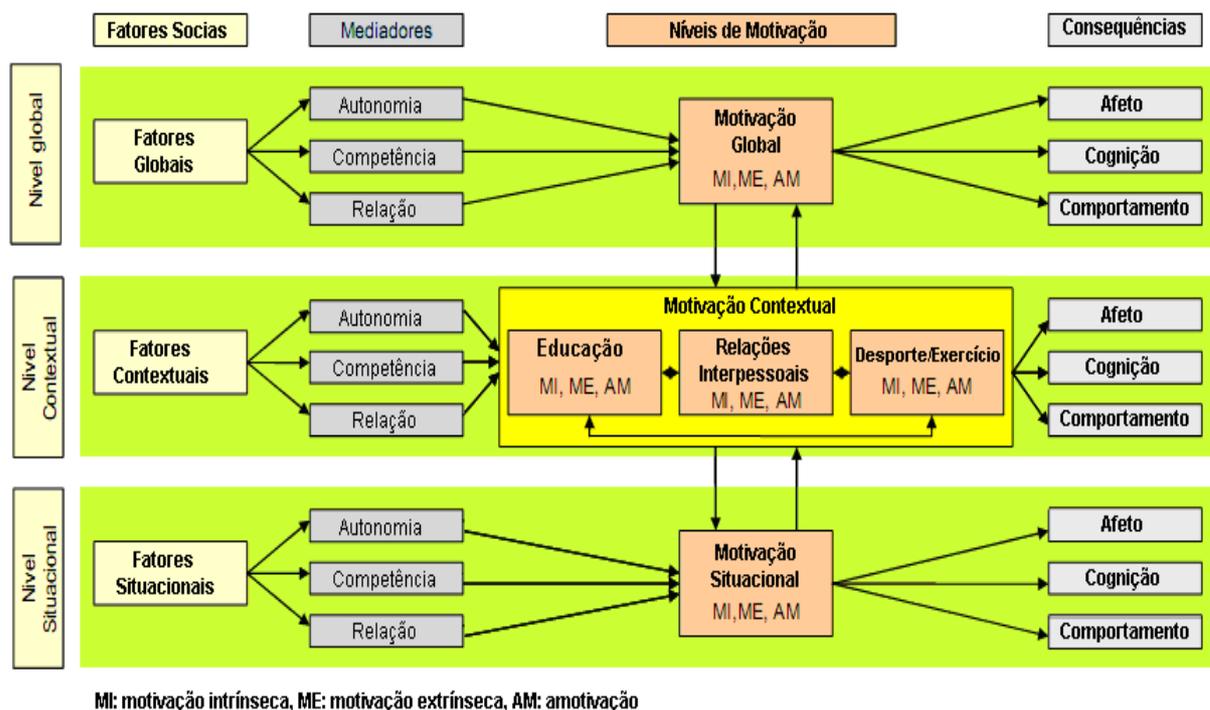


Figura 1 - Continuum de Autodeterminação nos diferentes tipos de motivação (LUCKWU e GUZMÁN , 2008).

A partir da TAD, Vallerand (apud Murcia; Coll, 2006) criou o “Modelo Hierárquico da Motivação Intrínseca e Extrínseca” (Figura 2), que consiste em:

- Três níveis de motivação: global (motivação de forma geral de uma pessoa), contextual (motivação inserida em um contexto mais específico, como o exercício físico) e situacional (motivação que a pessoa tem no momento em que está realizando uma determinada atividade);
- Os fatores sociais influenciam diretamente na motivação e cada nível é influenciado pelo nível imediatamente inferior (global -> contextual -> situacional), mas a rota inversa também ocorre (global <- contextual <- situacional);
- Os mediadores autonomia, competência e relação com os outros, são os intermediários entre as conseqüências ocasionadas pelos fatores sociais e a motivação;
- Estas conseqüências (afeto, cognição e comportamento) diminuem da motivação intrínseca até a amotivação, ou seja, quanto maior a presença dos mediadores, maior será o efeito das conseqüências. Então, as pessoas estarão mais motivadas intrínsecamente.



**Figura 2** – Modelo Hierárquico da Motivação Intrínseca e Extrínseca (Vallerand, 1997, 2001, apud Murcia; Coll, 2006)

## 2.2 MOTIVAÇÃO E ESPORTE

A motivação no esporte é imprescindível já que segundo Luckwu e Guzmán (2008) o abandono de quase todos os esportes tornou-se uma realidade inquietante. Neste tipo de situação, tanto a motivação intrínseca quanto a extrínseca seriam de grande importância à medida que, segundo Alderman:

Motivar um atleta jovem envolve muito mais do que o simples encorajar com prémios ou punir com flexões de castigo depois do treino (...). É necessário saber quais os factores mais importantes que influenciam os níveis de motivação nos jovens, e é necessário saber como utilizar este conhecimento da melhor forma. (Alderman apud Serpa, 1990; apud Reis, 1995, p.35)

O professor, como o grande mediador deste processo motivacional, torna-se extremamente importante, pois é partir de uma boa estruturação metodológica que os treinos ficam mais atrativos e motivantes para os praticantes, mesmo para aqueles que não possuem uma motivação intrínseca.

Segundo Luckwu e Guzmán (2008, p.2) diversos são os aspectos ou os motivos que podem influenciar na procura pelo esporte, tais como: “[...] influências

sociais, a satisfação das necessidades psicológicas básicas do esporte, as orientações motivacionais, os graus de implicação do sujeito com a atividade e as intenções de prática desportiva.” Estes motivos assim como diversos outros podem ser originados da motivação intrínseca ou extrínseca.

A motivação intrínseca, como foi citada anteriormente, seria um comportamento interno ou pessoal, onde o indivíduo buscaria o esporte, por exemplo, como algo que pudesse lhe proporcionar prazer. Enquanto que na motivação extrínseca, a pessoa buscaria uma motivação externa: praticar o esporte para mostrar aos outros as suas habilidades. E é nesta última, como já foi dito anteriormente, que o professor-técnico poderá, com a sua metodologia, influenciar no comportamento motivacional dos alunos-atletas.

Segundo Vanek e Salvini (apud Antonelli, 1978; apud Reis, 1995) a relação motivação/esporte pode ser dividida em quatro etapas:

- *Generalização* – é quando há apenas a necessidade de movimentar-se (característica da criança), uma generalização de movimentos sem precisar especializar em uma determinada atividade, recorrendo ao modo generalizado da motivação. Aqui o imprescindível é movimentar-se, independente da atividade física (exercício global e indiferenciado);
- *Diferenciação* – nesta fase há a escolha de uma atividade específica (característica do adolescente), devido ao interesse de atingir o sucesso e ao surgimento de motivos secundários, respondendo a motivação intrínseca e extrínseca;
- *Preferência Especializada* – esta é a etapa de revezamento de treino/repouso (característica do adulto) que responde a motivações primárias e secundárias e ao desempenho desportivo. Nem todos passam necessariamente por esta fase, pois algumas pessoas saem da fase da *Diferenciação* diretamente para a fase da *Involução*.
- *Involução* – apresenta a necessidade de movimento e competência, com motivações primárias e intrínsecas, onde as motivações secundárias perdem a importância. Há aqui a busca pelo prazer inserido na prática do esporte.

Observa-se que estas etapas, geralmente remetendo-as à faixa etária do indivíduo, seriam um bom referencial para que os professores-técnicos possam organizar os treinos de acordo com a motivação apresentada em cada etapa. Sempre respeitando os limites individuais, afinal o esporte é um instrumento educacional de grande importância, visto que desenvolve nos indivíduos diversas

qualidades como: a melhoria da saúde física e mental, a sociabilidade, o companheirismo, a criatividade, a cooperação e etc.

De acordo com Singer (apud Serpa, 1990; apud Reis, 1995) o que desenvolve “os suportes da motivação desportiva” são os domínios fisiológico, psicológico e afetivo-social. Estas condicionantes são as facilitadoras do aprendizado, ocorrendo um período decisivo para iniciação e escolha do esporte, que é influenciado pela idade ou maturação, pelos sentimentos internos (emoção, prazer), pelas aptidões, pelas motivações internas e externas das crianças e jovens, etc. Assim os professores-técnicos dentro de seus programas esportivos, ao considerar a criança ou o jovem como um ser que além de se movimentar, pensa, sente e se relaciona com os outros, estará proporcionando um ambiente bem mais favorável ao ensino-aprendizagem e os alunos certamente estarão mais motivados para praticar esportes.

Por fim, ao conhecer os motivos que levam os jovens a escolherem e persistirem em determinado esporte, o professor será capaz de alterar e manipular a motivação (Reis, 1995). E assim, talvez, o abandono dos esportes por parte dos jovens possa ser erradicado.

### 2.3 AGRESSIVIDADE NO ESPORTE

A agressividade no mundo contemporâneo, tanto na sociedade quanto no esporte, tem sido uma questão problemática. Mesmo que a sociedade tenha se esforçado para tentar reprimi-la com a aplicação de penalidades do sistema legal, no esporte esta característica é majoritariamente “aplaudida” em favor do “verdadeiro espírito esportivo.” (Stephens; Bredemeier, 1996, apud Bartholomeu; Machado, 2008)

De acordo com Garmezy (1983, apud Muñoz, 2002) e Rutter (1990, apud Muñoz, 2002) o comportamento agressivo ocorre em conseqüência de uma série de fatores de risco como os eventos, as variáveis e os mecanismos. Estes fatores são chamados de “variáveis preditoras”, pois irão prognosticar as diversas causas que levam as pessoas assumir uma conduta agressiva. Rutter (1990, apud Muñoz, 2002) explica também que a “trajetória de risco”, que é o momento em que um evento negativo está acontecendo, a não ser que seja abrandada por um “fator de proteção”, irá repercutir em desajustes internos e externos nos indivíduos. A presença de apenas um fator de risco reduz o máximo possível a ocorrência destes

desajustes, a passo que, a acumulação destes fatores desencadeará um aumento da probabilidade de sobrevir tais conseqüências.

A partir deste contexto, segundo Baron (apud Bartholomeu; Machado, 2008) a agressão é definida como “qualquer forma de comportamento dirigido ao objetivo de causar injúria ou danos à outra pessoa que, por sua vez, é motivada a evitar esse tipo de tratamento”. Ou seja, para agredir uma pessoa não precisa necessariamente existir o contato físico, basta pronunciar palavras que possam insultá-la.

Algumas das definições mais utilizadas caracterizam-na como a intenção que uma pessoa possui de causar danos físicos ou psicológicos a outrem:

- “A palavra violência designa toda agressão física inaceitável com a intenção de ferir ou intimidar o adversário no campo ou fora dele, e também a agressão psicológica.” (McIntosh, 1990; apud González-Oya, s.d, p.2);
- “A conduta agressiva é uma ação verbal ou física que pode causar dano físico ou psicológico aos demais ou a si mesmo.” (Valdés, 1998; apud González-Oya, s.d, p.2)

Muitos atletas tiram proveito da falta de clareza das regras de um determinado esporte sobre o que é considerada uma infração e exploram o máximo possível dentro dos limites pré-estabelecidos. Assim, o jogo passa a ficar bem mais complicado de ser avaliado pelo árbitro e este, por sua vez, pode terminar cometendo alguns erros.

Deste modo, a ação violenta terá espaço quando as expectativas de sucesso são grandes e as recompensas excedem as probabilidades de conseqüências negativas (Valdés, 1998). Isto é, tanto a falta de clareza das regras quanto o desejo de atingir a vitória impulsionam os atos ilícitos, ações que diversas vezes são aplaudidas pelo público.

A agressão foi dividida por Gabler (apud Samulski, 2002; apud Bidutte et al, 2005) em hostil ou reativa e instrumental. A primeira, hostil ou reativa, trata-se da agressão expressa pelo indivíduo com o propósito de causar dano ao adversário, como por exemplo, a falta cometida por um atleta com a intenção de prejudicar o oponente. Enquanto que a segunda (instrumental) mesmo que possa ter causado algum tipo de prejuízo ao adversário, denota um comportamento assertivo que tem como um fim atingir os seus objetivos (realizar cestas no basquetebol ou gol no futebol) ou impossibilitar que os outros atinjam suas metas, esta seria considerada uma agressividade necessária e benéfica para a competição.

Com a finalidade de facilitar a avaliação do comportamento agressivo, Stephens e Bredemeier (1996, apud Bartholomeu; Machado, 2008) estabeleceram três categorias:

- Consideração das infrações (faltas) executadas durante o jogo – que poderia ser avaliada a partir da observação sistemática;
- Compreensão da legitimidade das ações agressivas danosas e infração das regras do esporte – já foi avaliada por Silva (1983, apud Bartholomeu; Machado, 2008) através de slides de figuras de condutas de infração das regras de vários esportes como o futebol americano, beisebol, hóquei no gelo, basquetebol e futebol;
- Atos Agressivos X Atos Assertivos: percepção da proporção entre ambos – ainda não há uma forma de avaliação eficaz para a mensuração da agressividade.

Pode-se perceber que a agressividade tornou-se algo inerente ao esporte, principalmente, o que apresenta um maior contato físico, seja pela audiência do público, ou por um jogo mais competitivo (comportamento assertivo), mas o que deve ser evitada é a violência, pois um jogo em que o comportamento violento prevalece não deve ser incentivado.

## 2.4 FAIR PLAY

Partindo da sua tradução literal o *fair play* seria o ‘jogo limpo’, ou como o senso comum o considera: ‘espírito esportivo’. Segundo Lenk (1976) há dois tipos de conceitos de *fair play*:

- *Fair Play* Formal – é caracterizado pelo cumprimento dos regulamentos e das regras, ou seja, pela “norma-obrigação”.
- *Fair Play* Informal – não é regulamentado por se tratar de uma representação dos valores morais do atleta; como, por exemplo, o respeito pelo adversário e pelo árbitro (norma-dever).

Conforme as definições de *fair play* acima, é possível perceber que a primeira se trata de algo um pouco mais simples de ser mensurado devido a sua natureza técnica-formal, enquanto que a segunda se torna um desafio por ser mais subjetiva. É por isso que alguns autores como Kroll e Martens (apud Gonçalves, 1988; apud Rufino et al., 2005) afirmam que julgamos conhecer o significado do *fair play*, mas, mesmo assim, não há uma definição exata, que seja aprovada por todos.

Elaborado pelo Conselho da Europa, o Código de Ética Esportiva destaca uma série de temas que são abrangidos pelo *fair play*:

O *fair play* significa muito mais do que o simples respeito às regras; cobre as noções de amizade, de respeito pelo outro, e de espírito esportivo, representa um modo de pensar, e não simplesmente um comportamento. O conceito abrange a problemática da luta contra batota, a arte de usar a astúcia dentro do respeito às regras, o doping, a violência (tanto física quanto verbal), a desigualdade de oportunidades, a comercialização excessiva e a corrupção. (Conselho da Europa, 1996; apud Rufino et al, 2005, p.58)

Desta forma, pensar em *fair play* vai muito além da mera ação de seguir os regulamentos de um esporte, é algo extremamente subjetivo, que conota uma infinidade de significados e temas inter-relacionados como os que foram citados pelo Código de Ética Esportiva.

Através do esporte é possível educar um indivíduo por ser “um fenômeno que visa equilibrar a razão, a emoção e a espiritualidade do ser humano tendo o *fair play* como princípio norteador.” (Rubio e Carvalho, 2005, p.354) Ou seja, o *fair play*, inserido neste contexto, aparece como um instrumento educacional voltado para o desenvolvimento do “comportamento e pensamento ético” (Rubio e Carvalho, 2005, p.354)

Para uma assimilação melhor do *fair play* pode-se ainda utilizar a “educação da reciprocidade”, que consiste em uma identificação com o adversário, isto é, pondo-se no lugar do mesmo o indivíduo percebe que ele é tão importante quanto si próprio. Desta forma, surge o respeito recíproco e a compreensão de que o mais importante para que um esporte seja realizado é o adversário. Afinal, o local onde acontecerá um determinado esporte e o material utilizado (como por exemplo: uma prática improvisada, alternativa) pode ser substituído, mas o oponente não. (Rubio e Carvalho, 2005)

De acordo com a ‘Carta sobre Espírito Esportivo’ (La Régie de la Sécurité dans les Sports du Québec, 1984; apud Rufino et al., 2005) o *fair play* é composto por cinco elementos básicos:

1. Respeitar as regras;
2. Respeitar os árbitros e admitir as suas decisões;
3. Respeitar os oponentes;
4. Apresentar aspiração pela igualdade de oportunidades entre os atletas;
5. Ser digno.

Muito embora não haja uma definição exata do *fair play*, certos aspectos da sua característica peculiar revelam um ideal de comportamento ético no esporte como: a lealdade; a honestidade; a dignidade; a igualdade de oportunidades; o respeito às regras, aos adversários e aos árbitros; etc.

Apesar desta “utopia” do *fair play* está presente em algumas situações desportivas, atualmente, no contexto em que está inserido (na sociedade contemporânea), é preciso que os professores-treinadores eduquem os seus atletas para que estes possam, mesmo diante de situações adversas, seguir os princípios que regem o *fair play*.

## 2.5 MOTIVAÇÃO E DESPORTIVISMO

De acordo com Vallerand, Brière, Blanchard e Provencher (1997, p. 198) o desportivismo é definido como “a preocupação e o respeito pelas normas e os funcionários, as convenções sociais, o oponente, assim como seu pleno compromisso com o esporte e a relativa ausência de um enfoque negativo do esporte.”

Há também uma definição operacional do desportivismo que reúne cinco elementos (Vallerand et al apud Lucas; Alonso; Izquierdo e Ruíz, 2006):

1. Total comprometimento com a participação no esporte, onde o atleta aplica o máximo de esforço possível, sempre admitindo os erros e buscando melhorar suas aptidões;
2. Apreço pelas convenções sociais, como apertar a mão do oponente depois do jogo e reconhecer vitória do adversário, admitindo a sua derrota;
3. Consideração pelas normas e pelos árbitros, refletindo um respeito, por parte do atleta, pelo cumprimento das normas esportivas, seguindo o que foi aplicado pelo árbitro, mesmo que este tenha cometido um erro;
4. Respeito pelo oponente;
5. Abordagem negativa do desportivismo, incidindo em uma participação negativa, onde o atleta expõe uma conduta fora das normas após perpetrar um erro e ainda assim continua na disputa por prêmios individuais

A partir destes componentes do desportivismo Vallerand, Brière, Blanchard e Provencher (1997) criaram e validaram em inglês a *Multidimensional Sportpersonship Orientations Scale (MSOS)*: consiste de vinte e cinco itens

divididos em sub-escalas de cinco, que avaliam os cinco componentes da desportividade citados acima.

Pode-se observar que o contexto do esporte no qual o desportivismo está inserido é complexo, então, para poder entender melhor qual a motivação que impulsiona os atletas a buscarem o esporte e a respeitarem estas normas de convivência desportivas, seria de grande valia um estudo com a aplicação desta escala.

A motivação e o desportivismo estão intrinsecamente conectados, mas a dimensão com que esta relação ocorre será determinada pelo tipo de motivação presente no indivíduo, ou seja, irá depender das razões que cada um apresenta para a prática de uma modalidade esportiva. Como por exemplo: um atleta (1) de basquetebol procurou esta modalidade com o objetivo de obter vitórias, troféus e o reconhecimento de suas habilidades (motivação extrínseca), enquanto que outro atleta (2), da mesma modalidade, a procurou pela admiração que possui por este esporte e pelo prazer de praticá-lo (motivação intrínseca). (Vallerand; Losier, 1994)

A partir destes exemplos, pode-se observar que a motivação que cada atleta possui para a prática desta modalidade, provavelmente, irá afetar na forma com que se comportam diante desta prática desportiva. O atleta 1, ao buscar a vitória de qualquer modo, poderia até trapacear e praticar outros atos ilícitos ou antidesportivos. Ao passo que o atleta 2, por possuir objetivos impulsionados por uma motivação intrínseca, tenderia a obedecer as regras, a respeitar os outros atletas e o árbitro etc. Então, diante do exposto, o atleta 2 provavelmente irá praticar o desportivismo com maior afinco.

Os resultados de um estudo realizado por Duda et al. (1991, apud Vallerand; Losier, 1994) apontam que a motivação poderia exercer uma influência direta sobre o desportivismo. E, ao longo do tempo, o inverso também pode ocorrer, ou seja, para os atletas, que apresentam o desportivismo em seus perfis, há a possibilidade de suceder uma motivação decorrente do mesmo.

Chantal et al. (2005, apud Luckwu e Guzmán, 2011) aplicaram um modelo que se baseia em três afirmativas:

1. As diretrizes para o desportivismo seriam prognosticadas pela motivação autodeterminada;
2. O desportivismo agiria como um interventor entre a motivação desportiva autodeterminada e agressão esportiva;

3. As diretrizes para o desportivismo teriam influência sobre a agressão esportiva de duas maneiras.

Foram obtidos com este estudo resultados que mostraram efeitos positivos para a motivação autodeterminada onde os indivíduos apresentaram um comportamento desportivo favorável: respeito às regras, às convenções sociais, aos árbitros e juízes etc. Foi constatado também que as pessoas que apresentam um perfil voltado para o desportivismo tendem a diminuir a aplicação da agressão reativa e a aumentar a agressão instrumental (com a intenção de dificultar o desempenho do adversário).

Então, pode-se perceber que a motivação autodeterminada é de extrema importância para que o indivíduo possa apresentar uma boa conduta desportiva e para que o mesmo possa praticar o *fair play*, e por conseqüência, a agressão desportiva terá uma menor incidência entre os atletas.

### 3. MATERIAL E MÉTODO

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi caracterizada como quantitativa, descritiva e correlacional, apresentando-se em um desenho ex-post-facto.

Segundo Thomas e Nelson (2002), em uma pesquisa quantitativa, o pesquisador precisa permanecer distante durante a coleta de dados, a partir da utilização de instrumentos objetivos, tais como os questionários e outros artefatos. A partir desta coleta, ocorreu uma correlação com as variáveis desta pesquisa e em seguida uma análise destes dados.

A pesquisa é de caráter descritivo, pois não há como supor a existência de uma relação de causa e efeito. É muito utilizada na educação e nas ciências comportamentais. (Thomas e Nelson, 2002)

#### 3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A amostra foi constituída por 12 participantes com 13 anos de idade, 12 participantes com 14 anos de idade, 19 participantes com 15 anos de idade, 26 participantes com 16 anos de idade e 6 participantes com 17 anos de idade, totalizando em 75 indivíduos de 13 a 17 anos de idade, sendo 48 do gênero masculino e 29 do gênero feminino.

#### 3.3 DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS:

Foram utilizadas duas escalas para avaliar estes jovens: (ANEXO C) a escala de motivação esportiva- SMS (Sports Motivation Scale) desenvolvido por Pelletier et al. (1995) traduzida e adaptada ao contexto brasileiro por Serpa, Alves e Barreiros (2004). A escala consiste em 28 questões, divididas em 7 sub-escalas respondidas em escala de Likert e são complementares da expressão “*Participo e me esforço no meu esporte...*”, de 1 a 7 onde 1 significa discordo totalmente e 7 concordo totalmente. Esta escala avalia a motivação de acordo com a teoria da autodeterminação (Deci; Ryan, 1985), dividindo-se a escala em amotivação, motivação extrínseca de regulação externa, motivação extrínseca de introjeção ou

introjetada, motivação extrínseca de identificação, motivação intrínseca de conhecimento, motivação intrínseca de realização e motivação intrínseca de estimulação. Exemplo de questão do SMS (*Sports Motivation Scale*) Motivação Intrínseca, Participo e me esforço no meu esporte... (Pelo prazer de viver experiências estimulantes), Motivação Extrínseca “Participo e me esforço no meu esporte...” (Porque é uma das melhores formas de conseguir prêmios). (ANEXO D) A escala MSOS (*Multidimensional Sportpersonship Orientations Scale*) criada por Vallerand, Brière, Blanchard e Provencher (1997) consiste de 25 questões, divididas em sub-escalas de 5, que avaliam os 5 componentes da definição operacional do desportivismo citado no item 2.4 desta pesquisa. As respostas variam de 1 a 5, onde 1 (não), 2 (talvez), 3 (não sei), 4 (talvez sim) e 5 (sim). Será utilizada uma versão adaptada e traduzida da escala MSOS validada em espanhol.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A princípio foi encaminhada um projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, para a aquisição da autorização a fim de realizar a pesquisa. Após a aprovação (protocolo de número 193) para a coleta de dados pelo Comitê de Ética, selecionar a amostra, expor o projeto e os participantes assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A), foi dado início a coleta de dados com a aplicação dos instrumentos de pesquisa citados anteriormente.

A coleta de dados ocorreu nas escolas, durante o mês de maio de 2011, na cidade de João Pessoa - PB, onde houve uma maior concentração de jovens que potencialmente pudessem ser sujeitos para a pesquisa. Os treinadores da escola foram contatados para uma explicação geral do trabalho. Durante o contato foi explanado todo objetivo da pesquisa bem como o pesquisador solicitou o consentimento dos responsáveis pelos jovens para a sua participação no estudo através do termo de consentimento livre e esclarecido.

#### 3.4.1 Aplicação dos Questionários

Foi solicitado aos jovens que respondessem aos instrumentos da pesquisa. Os questionários foram preenchidos individualmente no local onde foi distribuído diante da presença do pesquisador ou pessoas envolvidas na pesquisa devolvendo-o

após seu preenchimento. Os participantes tiveram o tempo necessário para o preenchimento destes questionários.

### 3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Após a coleta de dados, os mesmos foram lançados em uma planilha verificando primeiramente os resultados estatísticos descritivos básicos (média, mediana, frequência, desvio padrão, valores mínimos e máximos).

Para identificar os níveis de motivação autodeterminada dos jovens praticantes de esportes avaliados na pesquisa, foi utilizado o programa estatístico PASW Statistics (antigo SPSS) versão 18.0 para estas análises. Também foi realizada uma análise dos coeficientes de consistência interna da escala. Consideramos que um valor de  $\alpha$  de Cronbach de no mínimo 0.70 deve ser encontrado para que um fator seja considerado fiável. Em seguida foi realizada a análise correlacional para identificar os níveis de relação bilateral entre as variáveis do estudo. Foram consideradas válidas as correlações bivariadas que apresentaram nível de significância (p) de no mínimo 0.05.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. ESTATÍSTICA DESCRITIVA

O resultado apresentado mostrou um nível moderado alto para todos os tipos de motivação intrínseca (1 a 3), motivação extrínseca (4 a 6) e desportivismo (8 a 10); à exceção para a amotivação que apresentou uma média moderada baixa (Tabela 1).

Tabela 1  
*Estatística descritivas das escalas*

	<b>N</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio Padrão</b>
<b>1.Motivação Intrínseca de Realização</b>	75	2.75	7.00	5.41	1.30
<b>2.Motivação Intrínseca de Conhecimento</b>	75	1.25	7.00	5.03	1.44
<b>3.Motivação Intrínseca de Estimulação</b>	75	2.00	7.00	5.13	1.38
<b>4.Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada</b>	75	1.00	7.00	4.55	1.50
<b>5.Motivação Extrínseca de Regulação Identificada</b>	75	1.50	7.00	5.01	1.40
<b>6. Motivação Extrínseca de Regulação Externa</b>	75	1.50	7.00	4.20	1.32
<b>7. Amotivação</b>	75	1.00	6.50	2.30	1.38
<b>8. Prática Desportiva</b>	75	1.80	5.00	3.97	.84
<b>9. Respeito às Regras</b>	75	1.20	5.00	3.91	.91
<b>10. Convivências Sociais</b>	75	1.20	5.00	3.94	.83

### 4.2. FIABILIDADE DAS ESCALAS

Na análise de fiabilidade das escalas foi encontrado o valor alfa de cronbach, para a escala do Motivação Intrínseca de Realização  $\alpha = .76$ , para a escala de Motivação Intrínseca de Conhecimento  $\alpha = .79$ , para a escala de Motivação Intrínseca de Estimulação foi encontrado o maior valor da variável em relação as Motivações

Intrínsecas com um  $\alpha=.80$ . Para as variáveis de Motivação Extrínseca foram encontrados os seguintes valores, para Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada um  $\alpha=.72$ , na escala de Motivação Extrínseca de Regulação Identificada um valor de  $\alpha=.77$ , para escala de Motivação Extrínseca de Regulação Externa foi encontrado um valor de fiabilidade moderado baixo de  $\alpha=.55$  mas devido a sua importância para com a pesquisa foi decidido por não descartar o valor. Para as escalas de Amotivação e das variáveis relacionadas ao Desportivismo foram encontrados resultados com valores fiáveis, que estão apresentados juntamente com o restante na tabela 2.

Tabela 2

*Análise de fiabilidade das escalas*

	N	$\alpha$ de Cronbach
<b>1.Motivação Intrínseca de Realização</b>	75	.76
<b>2.Motivação Intrínseca de Conhecimento</b>	75	.79
<b>3.Motivação Intrínseca de Estimulação</b>	75	.80
<b>4.Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada</b>	75	.72
<b>5.Motivação Extrínseca de Regulação Identificada</b>	75	.77
<b>6. Motivação Extrínseca de Regulação Externa</b>	75	.55
<b>7. Amotivação</b>	75	.71
<b>8. Pratica Desportiva</b>	75	.70
<b>9. Respeito as Regras</b>	75	.70
<b>10. Convivências Sociais</b>	75	.70

## 4.3. ANÁLISE CORRELACIONAL

Conforme a tabela 3, a análise correlacional deixou evidente 34 casos de correlação significativa, valendo destaque para dois casos onde a correlação entre as variáveis Motivação Intrínseca de Estimulação e Motivação Extrínseca de Regulação Identificada apresenta o valor (.692), como também a correlação entre a Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada e a Motivação Extrínseca de Regulação Identificada com um valor de (.594). O restante das correlações apresentou apenas resultados positivos com exceção da Amotivação e suas correlações que apresentaram valores negativos.



Tabela 3  
Análise Correlacional das variáveis

	1.	2	3.	4.	5.	6.	7.	8.	9.	10.
<b>1.Motivação Intrínseca de Realização</b>	.1	.691(**)	.753(**)	.409(**)	.557(**)	.171	-.556(**)	.385(**)	.229(*)	.340(**)
<b>2.Motivação Intrínseca de Conhecimento</b>		.1	.662(**)	.281(*)	.587(**)	.107	-.396(**)	.269(*)	.289(*)	.183
<b>3.Motivação Intrínseca de Estimulação</b>			.1	.528(**)	.692(**)	.193	-.565(**)	.403(**)	.265(*)	.312(**)
<b>4.Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada</b>				.1	.594(**)	.395(**)	-.374(**)	.372(**)	.276(*)	.260(*)
<b>5.Motivação Extrínseca de Regulação Identificada</b>					.1	.304(**)	-.548(**)	.325(**)	.117	.155
<b>6. Motivação Extrínseca de Regulação Externa</b>						.1	-.059	.292(*)	.007	-.030
<b>7. Amotivação</b>							.1	-.245(*)	-.115	-.064
<b>8. Pratica Desportiva</b>								.1	.560(**)	.554(**)
<b>9. Respeito as Regras</b>									.1	.593(**)
<b>10. Convivências Sociais</b>										.1

\*\* 0,01

\*0,05.

## 5. DISCUSSÕES

As discussões deste estudo foram norteadas a partir das hipóteses propostas, que foram adotadas baseadas nas idéias centrais de duas teorias que englobam o conceito de Desportivismo (Vallerand, Brière, Blanchard e Provencher, 1997) e a Teoria da Autodeterminação (Deci e Ryan, 1980).

O estudo buscou verificar se há alguma relação direta entre a motivação e percepção de desportivismo no contexto escolar, mais especificamente em praticantes de diferentes modalidades esportivas em duas escolas da cidade de João Pessoa - PB.

Foram propostas as seguintes hipóteses para o estudo: a motivação não se relacionará com a orientação ao desportivismo (Hipótese 0), a motivação intrínseca se relacionará positivamente com a orientação ao desportivismo (Hipótese 1) e a motivação extrínseca se relacionará positivamente com a orientação ao desportivismo (Hipótese 2).

De acordo com o estudo realizado foi possível concluir que a hipótese 0 não ocorreu, visto que a motivação relacionou-se com o desportivismo, diferindo apenas na forma com que cada tipo de motivação (intrínseca e extrínseca) relacionou-se com o mesmo.

Segundo Chantal et al. (2005; apud Luckwu e Guzmán, 2011) quanto mais autodeterminada for a motivação maior será a probabilidade do indivíduo praticar o desportivismo. Ou seja, quanto maior a motivação intrínseca, maiores as chances de o atleta pôr em prática o desportivismo.

Então, conforme a análise correlacional (Tabela 3) pode-se observar que a motivação intrínseca mostrou uma relação mais positiva que a motivação extrínseca. Porém ambas apresentaram suas peculiaridades, cada uma inserida em seu contexto.

Em conformidade com a hipótese 1, a motivação intrínseca se relacionou positivamente com o desportivismo, apresentando quase todas as variáveis correlacionadas com resultados significativos. Dentre esses resultados, podemos destacar a relação entre as variáveis Motivação Intrínseca de Realização e Motivação Intrínseca de Estimulação com a Prática Desportiva e as Convivências Sociais (Tabela 3).

E por fim, em concordância com a hipótese 2, a motivação extrínseca não somente se relacionou positivamente com a orientação ao desportivismo como também com outras variáveis motivacionais (Tabela 3) Estes resultados indicam que devido os participantes do estudo encontrarem-se na fase da adolescência, muitos se sentem motivados a praticar um determinado esporte para poder ser popular (reconhecimento social), ganhar prêmios (recompensas), satisfazer o ego, etc.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este estudo, buscou-se estabelecer uma relação entre a motivação e a percepção de desportivismo em jovens praticantes de diferentes modalidades esportivas nas escolas da cidade de João Pessoa – PB, mais especificamente, buscou-se identificar o perfil motivacional destes jovens praticantes, identificar a percepção de desportivismo que estes possuem e verificar a correlação entre motivação e percepção de desportivismo contida neste contexto escolar.

De acordo com os resultados obtidos nesta pesquisa ficou constatado um nível moderado alto para cada tipo de motivação intrínseca, motivação extrínseca e para cada variável do desportivismo; enquanto que a amotivação apresentou uma média moderada baixa.

Foi possível detectar também, através da análise correlacional, 34 casos de correlação significativa, onde se destacaram as correlações entre: Motivação Intrínseca de Estimulação e Motivação Extrínseca de Regulação Identificada; Motivação Extrínseca de Regulação Introjetada e a Motivação Extrínseca de Regulação Identificada.

Pode-se concluir, então, que a motivação e a percepção de desportivismo presentes nos participantes deste estudo apresentaram um resultado positivo e uma correlação bastante significativa. Isto mostra que os estudantes possuem uma motivação autodeterminada elevada, o que é de grande importância para a formação de uma boa conduta esportiva. Desta forma, novos estudos sobre esta correlação entre motivação e desportivismo poderiam ser realizados com apenas um gênero, ou uma única faixa etária ou até mesmo com apenas uma modalidade desportiva.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHOLOMEU, Daniel; MACHADO, Afonso Antonio. Estudos Iniciais de uma Escala de Agressividade em Competição. In: **Interação em Psicologia**, v.12, n.2, 2008. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewArticle/8714> Acesso em: 11 abril 2011, 16:29.

BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na Escola: mas é só isso, professor?. In: **Motriz. Revista de Educação Física**. UNESP, v.1, n.1, Rio Claro, 1995. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/viewArticle/959> Acesso em: 29 março 2011, 11:23.

BIDUTTE, Luciana de Castro; AZZI, Roberta Gurgel; RAPOSO, José Jacinto B. Vasconcelos; ALMEIDA, Leandro S. Agressividade em Jogadores de Futebol: estudo com atletas de equipes portuguesas. In: **PsicoUSF**, v.10, n.2, Itatiba, dez 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-82712005000200009&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-82712005000200009&script=sci_arttext&tlng=en) Acesso em: 11 abril 2011, 17:00.

BORUCHOVITCH, Evely. A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores. In: **Educação**, Porto Alegre, v.31, n.1, 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2754/2102> Acesso em: 14 junho 2011, 11:16.

BRACHT, Valter. Esporte na Escola e Esporte de Rendimento. In: **Movimento**, UFRGS, v.6, n.12, 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/2504> Acesso em: 29 março 2011, 11:11.

CAPITANIO, Ana Maria. Educação através da prática esportiva: missão impossível?. In: **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 8, n.58, 2003. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd58/esport.htm> Acesso em: 6 abril 2011, 22:32.

DECI; E. L.; RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.

FERNANDES, Helder Miguel; VASCONCELOS-RAPOSO, José. Continuum de Auto-Determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo. In: **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal**, 2005 Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/261/26110307/26110307.html> Acesso em: 30 março 2011, 17:30.

GONZÁLEZ-OYA, Jacinto Luís. Violencia, deporte y arbitraje. In: **Cuadernos de Psicología Del Deporte** S. D. Universidad de Murcia, España, s.d. Disponível em: <http://www.arbitrum.com/archivos/963.pdf> Acesso em: 27 maio 2011, 23:25.

GUTIÉRREZ, M.. **Manual sobre valores en la educación física y el deporte**. Barcelona: Paidós, 2003.

\_\_\_\_\_. In: KOOGAN & HOUAISS. **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado**. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1996, p.572.

LENK, H. Toward a social philosophy of the Olympics: values, aims and reality of the modern Olympic Movement. In: **P. J. Graham & H. Ueberhorst (eds) The modern Olympics**. West Point: Leisure Press, 1976.

LUCAS, José Martín-Albo; ALONSO, Juan Luis Núñez; IZQUIERDO, José G. Navarro; RUÍZ, Víctor M. González. Validación de la versión española de la escala multidimensional de orientaciones a la deportividad. In: **Revista de Psicología del Deporte**, v.15, n.1, Barcelona, 2006. Disponível em: <http://europa.sim.ucm.es/compludoc/AA?articuloid=568838&donde=castellano&zfr=0> Acesso em: 7 abril 2011, 23:40.

LUCKWU dos Santos, R. M.; GUZMÁN Luján, J. F. Qué determina el compromiso del deportista: un análisis desde la teoría de la autodeterminación. In: **V Congreso Asociación Española de Ciencias del Deporte**. 2008.

MARTINELLI, Selma; BARTHOLOMEU, Daniel. Escala de Motivação Acadêmica: uma medida de motivação extrínseca e intrínseca. In: **Avaliação Psicológica**, v.6, n.1, Porto Alegre, jun 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712007000100004&script=sci\\_arttext&lng=en](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-04712007000100004&script=sci_arttext&lng=en) Acesso em: 6 abril 2011, 22:01

MESQUITA, Zilá. Para compreender competição e cooperação nas organizações. Reflexões Preliminares. In: **Convergência**, ano 6, n.19, México, maio/agosto, 1999.

MURCIA, Juan Antonio Moreno; COLL, David González-Cutre. El papel de La relación com los demás em la motivación deportiva. In: **VI Congreso Internacional de Educación Física e Interculturalidad**, 2006. Disponível em: <http://www.um.es/univefd/papelrelacion.pdf> Acesso em: 5 abril 2011, 13:04.

MURCIA, Juan Antonio Moreno; GIMENO, Eduardo Cervelló; COLL, David González-Cutre. Motivación Autodeterminada y Flujo Disposicional en el Deporte. In: **Anales de Psicología**, v.22, n.2, Murcia, 2006. Disponível em: <http://digitum.um.es/jspui/handle/10201/8335> Acesso em: 4 abril 2011, 10:20.

MUÑOZ, Antonia Pelegrín. Conducta Agresiva y Deporte. In: **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v.2, n.1, 2002. Disponível em: <http://revistas.um.es/cpd/article/view/105021/99951> Acesso em: 11 abril 2011, 18:34.

PELLETIER, L.; FORTIER, M.; VALLERAND, R.; TUSON, K.; BRIÉRE, N.; BLAIS, M. Toward a new measure of intrinsic motivation, extrinsic motivation and amotivation in sports: The Sport Motivation Scale (SMS). In: **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 17, 35-53.

REIS, Luisa dos Santos. Motivação para a prática desportiva. In: **Instituto Politécnico de Castelo Branco**. Lisboa, 1995. Disponível em: <http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/379> Acesso em: 6 abril 2011, 23:09.

RUBIO, Kátia; CARVALHO, Adriano L. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. In: **Rev. Port. Cien. Desp.**, v.5, n.3, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v5n3/v5n3a10.pdf> Acesso em: 15 junho 2011, 10:59.

RUFINO, J. L.; BATISTA, P. H.; GUELER, R.; MATARUNA, L.; O Fair Play na Atualidade. In: **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, 2005. Disponível em: [http://b200.nce.ufrj.br/~revista/artigos/v1n2/artigo06\\_v1n2.pdf](http://b200.nce.ufrj.br/~revista/artigos/v1n2/artigo06_v1n2.pdf) Acesso em: 15 junho 2011, 10:37.

SANTOS, R. M. Luckwu dos; LUJÁN, J. F. Guzmán. Qué Determina El Compromiso Del Desportista: un análisis desde la teoría de la autodeterminación. In: **V Congreso Asociación Española de Ciências Del Desporte**. Facultad de Ciências de la Actividad Física y del Desporte de León, 2008.

SOARES, Fernanda Carone. **A competição esportiva escolar como componente pedagógico a ser refletida e aplicada nas aulas de Educação Física**. Unicamp, s.d. Disponível em: [http://74.125.155.132/scholar?q=cache:BelJBLihGmUJ:scholar.google.com/+%22%C3%A9+preciso+entender+e+ressaltar+que+a+competi%C3%A7%C3%A3o+deve+ser+vista+como+conte%C3%BAdo+a+ser+aprendido+por+todos+os+alunos.+sendo+assim+n%C3%A3o+s%C3%B3+todos+devem+jogar+um+tempo+significativo+nas+partidas.+como+tamb%C3%A9m+ter+acesso+ao+conte%C3%BAdo+da+competi%C3%A7%C3%A3o.+sua+org&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://74.125.155.132/scholar?q=cache:BelJBLihGmUJ:scholar.google.com/+%22%C3%A9+preciso+entender+e+ressaltar+que+a+competi%C3%A7%C3%A3o+deve+ser+vista+como+conte%C3%BAdo+a+ser+aprendido+por+todos+os+alunos.+sendo+assim+n%C3%A3o+s%C3%B3+todos+devem+jogar+um+tempo+significativo+nas+partidas.+como+tamb%C3%A9m+ter+acesso+ao+conte%C3%BAdo+da+competi%C3%A7%C3%A3o.+sua+org&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. p. 323.

VALLERAND, R. J.; BRIÈRE, N. M.; BLANCHARD, C; PROVENCHER, P.  
Development and validation of the multidimensional sportspersonship orientations scale. In: **Journal of Sport and Exercise Psychology**, 19, 1997, 197-206.

VALLERAND, R.J.; BLAIS, M.R.; BRIÈRE, N. M.; PELLETIER, L.G. Construction et validation de l'Echelle de motivation en éducation (ÉMÉ) [Construction and validation of the motivation in education scale]. In: **Canadian Journal of Behavioral Science**, 21, 1989.

VALLERAND, R.J.; PELLETIER, L.G.; BLAIS, M.R.; BRIÈRE, N.M.; SENÉCAL, C.B.; VALLIÈRES, E.F. The Academic Motivation Scale: A measure of intrinsic, extrinsic, and amotivation in education. In: **Educational and Psychological Measurement**, 52, 1992.

VALLERAND, R.J.; PELLETIER, L.G.; BLAIS, M.R.; BRIÈRE, N.M.; SENÉCAL, C.B.; VALLIÈRES, E.F. On the assessment of intrinsic, extrinsic, and motivation in education: Evidence on the concurrent and construct validity of the Academic Motivation Scale. In: **Educational and Psychological Measurement**, 53, 1993.

VALLERAND, R. J; LOSIER, G.F. Self-Determined Motivation and Sportsmanship Orientations: An Assessment of Their Temporal Relationship. In: **Journal of Sport & Exercise Psychology**, 16, 1994.

## ANEXOS

**ANEXO A – TERMO DE COMPROMETIMENTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
DISCIPLINA MONOGRAFIA

**TERMO DE COMPROMETIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_ me  
comprometo a orientar o trabalho intitulado:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

na forma de \_\_\_\_\_ (monografia ou artigo científico), do aluno (a)  
\_\_\_\_\_ de nº  
matrícula: \_\_\_\_\_, regularmente matriculado na disciplina de MONOGRAFIA  
no período de 2011.1, caso o (a) mesmo (a) se comprometa à comparecer aos  
encontros de orientação previamente agendados e com a produção do texto  
monográfico de forma ética.

E-mail do aluno: \_\_\_\_\_

Telefone do aluno: ( ) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do professor com carimbo

\_\_\_\_\_  
Assinatura do aluno como comprometimento

## ANEXO B – FORMULÁRIO DE ENCAMINHAMENTO DE PROTOCOLO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY-HULW  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS



### FORMULÁRIO DE ENCAMINHAMENTO DE PROTOCOLO DE PESQUISA

**1. TÍTULO DA PESQUISA:** \_\_\_\_\_

**2. PESQUISADOR(ES) RESPONSÁVEL(IS):** \_\_\_\_\_

**3. DEPARTAMENTO:**                      **CENTRO:**                      **INSTITUIÇÃO:**

**4. TEL. TRABALHO**                      **RESIDENCIAL:**                      **E-MAIL:**

**5. FINALIDADE DA PESQUISA:** **TCC** ( ) **PIBIC** ( ) **ESPECIALIZAÇÃO** ( ) **MESTRADO**

( ) **DOCTORADO** ( ) **OUTROS** ( ) **ESPECIFICAR:**

**6. PARTICIPANTES DA PESQUISA:** **Crianças** ( ) **Adolescentes** ( ) **Adultos** ( ) **Pacientes** ( ) **Estudantes**

( ) **Outros** ( ) **ESPECIFICAR:**

**7. LOCAL DA COLETA DE DADOS:**                      **PERÍODO:**

**8. FINANCIAMENTO:** **NACIONAL** ( ) **INTERNACIONAL** ( ) **IND. FARMACÊUTICA** ( ) **PRÓPRIOS** ( )

**9. TIPO DE PESQUISA:** **CLÍNICA** ( ) **BÁSICA** ( ) **TECNOLÓGICA EM SAÚDE** ( ) **OPERACIONAL** ( )

**10. PROCEDIMENTO(S) PARA COLETA:** **ENTREVISTA** ( )    **QUESTIONÁRIO** ( )    **PRONTUÁRIO** ( )

**OUTROS** ( ) **ESPECIFICAR:**

### DADOS DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

**NÚMERO DO PROTOCOLO:** -----

**DATA DE RECEBIMENTO:** -----

-----

ASSINATURA DA FUNCIONÁRIA DO CEP-HULW

**DADOS DA COORDENAÇÃO GERAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO:**

ENCAMINHAMENTO PARA COMUNICAR AO SETOR ( )

ENCAMINHAMENTO PARA SOLICITAÇÃO DO PARECER DO (A) CHEFE DO SETOR ( )

-----

ASSINATURA E CARIMBO DA COORDENADORA DO CGPE

João Pessoa -----/-----/-----

### ANEXO C – SMS (*Sports Motivation Scale*)

Participo e me esforço no meu esporte...	Não corresponde		Corresponde moderadamente			Corresponde exatamente	
	1	2	3	4	5	6	7
1. Pelo prazer de viver experiências estimulantes	1	2	3	4	5	6	7
2. Pelo prazer de saber mais sobre o esporte que pratico.	1	2	3	4	5	6	7
3. Costumava ter boas razões para praticar, mas agora me pergunto se devo continuar.	1	2	3	4	5	6	7
4. Pelo prazer de descobrir novas técnicas.	1	2	3	4	5	6	7
5. Já não sei. Tenho a impressão de ser incapaz de me desenvolver neste esporte.	1	2	3	4	5	6	7
6. Porque me permite ter reconhecimento dos outros.	1	2	3	4	5	6	7
7. Porque, na minha opinião, é uma das melhores formas desenvolver-me como pessoa.	1	2	3	4	5	6	7
8. Porque me sinto muito satisfeito quando consigo desenvolver as técnicas do meu esporte	1	2	3	4	5	6	7
9. Porque é uma boa forma de desenvolver minhas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7
10. Pelo prestígio de ser um bom atleta	1	2	3	4	5	6	7
11. Porque é uma das melhores formas de desenvolver outros aspectos de mim mesmo	1	2	3	4	5	6	7
12. Pelo prazer que sinto quando melhora um dos meus pontos fracos.	1	2	3	4	5	6	7
13. Pela sensação que tenho quando estou realmente concentrado nas atividades.	1	2	3	4	5	6	7
14. Porque devo praticar esporte para sentir-me bem comigo mesmo.	1	2	3	4	5	6	7
15. Pela satisfação que experimento quando estou aperfeiçoando minhas habilidades.	1	2	3	4	5	6	7
16. Porque não estaria bem comigo mesmo se não praticasse esporte.	1	2	3	4	5	6	7
17. Porque é uma boa forma de aprender coisas que possam ser úteis em outros aspectos da minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
18. Pelas emoções que experimento quando pratico o esporte que eu gosto.	1	2	3	4	5	6	7
19. Já não tenho tão claro, realmente não creio que meu lugar seja dentro do esporte.	1	2	3	4	5	6	7
20. Pelo prazer que sinto enquanto realizo certos movimentos difíceis.	1	2	3	4	5	6	7
21. Porque me sentiria mal se não gastasse tempo praticando esporte.	1	2	3	4	5	6	7
22. Para mostrar aos outros como sou bom no meu esporte.	1	2	3	4	5	6	7
23. Pelo prazer que sinto quando conheço novas técnicas que nunca havia realizado.	1	2	3	4	5	6	7
24. Porque é uma das melhores formas de conseguir prêmios	1	2	3	4	5	6	7
25. Porque eu gosto do sentimento de estar totalmente envolvido a atividade.	1	2	3	4	5	6	7
26. Porque devo praticar esporte com regularidade.	1	2	3	4	5	6	7
27. Pelo prazer de descobrir novas estratégias.	1	2	3	4	5	6	7
28. Sempre me digo que não consigo realizar as metas que estabeleço.	1	2	3	4	5	6	7

## ANEXO D - MSOS (*Multidimensional Sportspersonship Orientations Scale*)

Das seguintes expressões, quais você considera que devem fazer parte do desportivismo?

Respostas: (1)Não (2)Talvez (3)Não sei (4)Talvez sim (5)Sim

Procurar participar de todas as práticas	1	2	3	4	5
Felicitar um oponente após uma derrota	1	2	3	4	5
Obedecer ao árbitro	1	2	3	4	5
Pedir que um oponente desclassificado (por chegar tarde) continue	1	2	3	4	5
Não quer admitir os próprios erros	1	2	3	4	5
Aplicar o máximo de esforço	1	2	3	4	5
Dar a mão ao treinador do seu oponente	1	2	3	4	5
Respeitar as decisões de outros juizes ou árbitros	1	2	3	4	5
Competir pelas recompensas (por exemplo, troféus)	1	2	3	4	5
Pensar em como melhorar	1	2	3	4	5
Felicitar o seu oponente por ter jogado bem	1	2	3	4	5
Respeitar o árbitro, mesmo que ele se equivoque	1	2	3	4	5
Ajudar um oponente depois de uma queda	1	2	3	4	5
Criar uma desculpa pelo mau jogo	1	2	3	4	5
Não se dar por vencido depois de cometer um erro	1	2	3	4	5
Felicitar um adversário depois de uma vitória	1	2	3	4	5
Respeitar fielmente todas as regras do esporte	1	2	3	4	5
Retificar uma situação injusta para o adversário	1	2	3	4	5
Criticar as instruções do treinador	1	2	3	4	5
Esforçar-se mesmo tendo a certeza de que irá perder	1	2	3	4	5
Ganhando ou perdendo você dar a mão a um oponente	1	2	3	4	5
Respeitar as regras	1	2	3	4	5
Fornecer equipamento a um adversário	1	2	3	4	5
Enfurecer-se por cometer um erro	1	2	3	4	5
Não tirar vantagem de um oponente lesionado	1	2	3	4	5

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a) \_\_\_\_\_

Esta pesquisa é sobre *Motivação e Percepção de Desportivismo no Contexto Escolar*. Está sendo desenvolvida por Caio César Almeida de Lima Lira, aluno do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos.

O objetivo do estudo é correlacionar motivação e percepção de desportivismo em jovens praticantes de diferentes modalidades desportivas nas escolas da cidade de João Pessoa – PB.

A finalidade deste trabalho é favorecer a difusão do esporte como uma atividade física capaz de contribuir para a melhoria da educação em diversos aspectos. Assim, solicitamos a sua colaboração para responder a dois questionários, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante da Pesquisa ou Responsável Legal

**Contato com o Pesquisador (a) Responsável:**

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos, do Departamento de Educação Física da UFPB.  
Fone: 8650-5073

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Participante

## APÊNDICE B – SOLICITAÇÃO ÀS ESCOLAS

### SOLICITAÇÃO ÀS ESCOLAS

Eu, **Caio César Almeida de Lima Lira**, estudante do Curso de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba, solicito a permissão para realizar a coleta de dados da pesquisa intitulada *Motivação e Percepção de Desportivismo no Contexto Escolar*, promovida pela Universidade Federal da Paraíba e que tem como pesquisador responsável o **Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos**.

A finalidade desta pesquisa é favorecer a difusão do esporte como uma atividade física capaz de contribuir para a melhoria da educação em diversos aspectos.

**Contato com o Pesquisador (a) Responsável:**

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador Profº Ms. Rogério Márcio Luckwü dos Santos, do Departamento de Educação Física da UFPB.

Fone: 81214160

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Pesquisador Participante